

MÚSICA

Halestorm em noite histórica na Capital

Amanda Flora
amandaf@jcrs.com.br

Porto Alegre recebe, no dia 1 de abril, um daqueles shows que criam lembranças que atravessam gerações. O Guns N' Roses desembarca na Capital com sua formação clássica, composta por Axl Rose, Slash e Duff McKagan, para uma apresentação marcada para às 20h30min, no Jockey Club do RS (av. Diário de Notícias, 750). Mas antes disso quem assume o palco é a banda Halestorm, responsável por abrir a noite e aquecer o público para o encontro com os veteranos do hard rock, preparando o terreno para uma catarse coletiva digna da eletricanade de *Welcome to the jungle*.

A presença do grupo norte-americano, além de reforçar o caráter internacional da noite, traz um gosto de novidade para os fãs da velha guarda do rock. Formado em 1997 e liderado por uma mulher, a vocalista Lizzy Hale, o Halestorm acumulou ao longo da carreira, bilhões de

streams e um Grammy pela música *Love bites (So Do I)*. Em abril, a banda também passa pelo *Monsters of Rock*, no dia 4, em São Paulo, e faz show em Curitiba, no dia 8.

Segundo o baixista Josh Smith, o retorno ao Brasil é parte central da experiência. Ele diz que o grupo guarda boas lembranças das vindas ao País. "Antes de tudo, a oportunidade de voltar ao Brasil é sempre algo que a gente espera com muita ansiedade. Vocês são realmente os melhores fãs do mundo", afirma em entrevista exclusiva ao *Jornal do Comércio*. "As pessoas perguntam pelo mundo quem são os melhores fãs, e a gente sempre responde: sem dúvida, os fãs brasileiros", comenta.

Abrir para o Guns N' Roses, no entanto, carrega um significado ainda mais profundo e de muitas responsabilidades ao grupo. "Acho que o meu 'eu' de dez ou 15 anos não acreditaria nisso. É algo muito especial e inspirador. O Guns é uma banda que se mantém em alto nível há décadas. Para nós, que também estamos há muito tempo na estrada, ver isso de perto é extremamente inspirador", diz.

Smith destaca que esse encontro entre gerações do rock também provoca reflexões dentro da própria banda. "Chega um momento em que você se pergunta: 'Como ainda estou fazendo isso? Será que consigo continuar?'. Aí você vê uma

banda como o Guns N' Roses e isso te recarrega, te dá motivação de novo; mostra que ainda não escrevemos nossa melhor música, nem fizemos nosso melhor show", reflete.

No palco, a estratégia da Halestorm é clara: respeitar o espaço e preparar o terreno para a atração principal - o que pode ser desafiador. "Entendemos que não é o nosso show. As pessoas estão ali para ver o Guns. Então, nossa mentalidade é se divertir ao máximo com o público e preparar todo mundo para assistir ao espetáculo de uma banda lendária", explica, sem pretensões.

A experiência de abrir para grandes nomes ajudou a moldar essa abordagem e dar um senso de realidade para os músicos norte-americanos. "A gente pensou muito nisso quando abriu para o Iron Maiden. São fãs deles, não nossos. E se não gostarem, vão demonstrar", diz, em tom bem-humorado. "Hoje pensamos assim: o público não está ali por nós. Está ali pelo Guns N' Roses. Então nossa missão é garantir que todo mundo se divirta até a chegada da banda principal", reafirma.

O repertório

deve refletir a identidade da Halestorm, com faixas que transitam entre o peso e o hard rock mais acessível. Parte do set list inclui músicas do álbum *Everest*, trabalho recente da banda. "Gravamos esse disco praticamente ao vivo, então a transição para o palco foi muito natural", explica Smith. "Acho que é o álbum mais próximo da nossa performance ao vivo. Isso torna tudo mais divertido."

A relação com o Guns N' Roses também atravessa memórias pessoais. "Eles eram a maior coisa do mundo no começo dos anos 1990. Lembro dos cliques: eram gigantes, quase irreais. Depois, em turnê, encontrei o Duff e foi surreal. Ainda mexe comigo", relembra o baixista.

Em tom descontraído, Smith comenta sobre a curiosidade de viver a experiência brasileira fora dos palcos, especialmente no quesito comida. "Hoje sou praticamente vegetariano: como peixe, mas não carne. Sou 'peixetariano'. Então, fiquei pensando: o que vou comer?"

Não estou preocupado, tenho certeza de que a comida é incrível. Aceito sugestões!", brinca.

Quando perguntado sobre sua música favorita do Guns N' Roses, ele destaca *November rain*. "É épica. Eu comecei como pianista, então aquele final é absurdo", comenta. Com pouco tempo de palco, a banda promete uma apresentação intensa, bem com o intuito de preparar os fãs para cantar cada verso como se fosse o primeiro - ou o último - de *Sweet child o' mine* em solo gaúcho. "Tem muita música que vocês nunca ouviram ao vivo, e pouco tempo para tocar tudo, então vamos tocar o máximo possível. E aproveitar muito. Estou ansioso para compartilhar essa noite com vocês", finaliza o artista.

Com abertura dos portões às 16h, o show no Jockey Club do RS integra a passagem das duas bandas pelo País. Em Porto Alegre, a noite promete unir diferentes momentos do rock: de um lado, um grupo em constante reinvenção, do outro, um nome que atravessa décadas mantendo sua relevância e mobilizando multidões - como um caminho que sempre leva de volta à mesma promessa: *Paradise City*.

Grupo norte-americano
abre show do Guns N' Roses
no Jockey Club do RS

